

O Corpo encarcerado na obra de Antonin Artaud

The body imprisoned in the work of Antonin Artaud

Flávia de Bastos Ascenço Soares; Domenico Uhng Hur

Universidade Federal de Goiás

RESUMO:

Este artigo tem como objetivo cartografar a noção de corpo encarcerado na obra de Antonin Artaud, para discutir os processos de captura, bem como o permanente estado de encarceramento do corpo. Realizamos uma cartografia bibliográfica em toda a obra do autor, publicada em espanhol e português. Verificamos que, para Artaud, existem três estratos propulsores do processo de encarceramento do corpo: um primeiro que abarca a ideia de uma consciência/razão sobrepondo-se ao corpo, um segundo que menciona a existência de uma alma/espírito condenando as potencialidades do corpo, e um terceiro que trata da luta corpo x organismo. Concluímos que, para Artaud, o corpo encarcerado é aquele que abriu mão das forças intensivas para ligar-se aos discursos que contornam o dualismo cartesiano e metafísico/religioso.

Palavras chave: corpo; captura; esquizoanálise.

ABSTRACT:

This article aims to map the notion of body imprisoned in the work of Antonin Artaud, to discuss the processes of capture, as well as the permanent state of incarceration of the body. We carry out a bibliographic cartography in all of the author's works, published in Spanish and Portuguese. We find that for Artaud there are three layers of the process of incarceration of the body: A first that approaches the idea of an awareness / reason overlapping the body, A second that mentions the existence of a soul / spirit condemning the potentialities of the body, and a third that deals with the struggle between the body x organism. We conclude that for Artaud, the imprisoned body is the one that gave up the intensive forces to connect to the discourses that circumvent the Cartesian and metaphysical / religious dualism.

Key-words: body; capture; schizoanalysis.

Pois a vida não é este tédio destilado no qual maceram nossas almas há sete eternidades, não é este estado infernal no qual as consciências vegetam, precisando música, teatro, poesia e amor para brilhar de vez em quando, mas tão pouco que nem vale a pena falar nisso. O homem na terra entedia-se até morrer e de uma maneira tão profunda que nem percebe mais. Ele se deita, dorme, levanta, anda, come, escreve, engole, respira, caga, como uma máquina em ponto morto, com um resignado

*enterrar-se na terra da paisagem, subjugado pela paisagem,
como um novilho garroteado no cepo de um copo que não
presta mais, submetido a leituras, bom dia, boa noite, como vai,
o dia está bonito, a chuva vai refrescar a terra, quais são as
novidades, venha então tomar um chá em casa, gamão, jogo de
cartas, de bola, jogo de damas e xadrez; mas não é nada disso,
quero dizer que nada disso define a vida imunda que vivemos
[...] (ANTONIN ARTAUD).*

Atualmente, ao refletirmos acerca do corpo na contemporaneidade, é possível observar o quanto a noção de um corpo ativo e potente aparece-nos por vezes como uma instância obscura e inalcançável. As discussões no tocante ao corpo estão a todo vapor nos mais diversos campos de pesquisas científicas. Vivemos uma realidade fecunda em receitas salvílicas quando tratamos do corpo; porém, em sua grande maioria, elas não ultrapassam o objetivo inicialmente proposto - conhecer o corpo, suas funções, seus regimes de composição, suas potências, para apreender a vida.

Em sentido paralelo, observa-se um crescimento acelerado das tecnologias de informação e comunicação atravessando todos os espaços, percorrendo linhas carregadas de controle e exposição. Em toda a história humana, nunca vimos tanta comunicação; os debates são intermináveis no que tange ao impacto das tecnologias em nossas vidas. Percebemo-nos imersos nessa rede, sendo violentamente arrastados por todo tipo de informação. De modo semelhante, jamais estivemos tão suscetíveis a práticas conservadoras, que terminam por reproduzir, categorizar, homogeneizar e estratificar toda e qualquer diferença.

Nesse aspecto, podemos pensar o corpo contemporâneo como encarcerado¹, não por grades visíveis, como observamos em diversas práticas disciplinares, mas por aquelas que capturam nossos sentidos através da sociedade, da família, da religião e da cultura na qual estamos inseridos, extraindo do corpo sua diferença e multiplicidade.

No sentido contrário do encarceramento do corpo, a obra de Antonin Artaud, escritor, poeta, dramaturgo, ator e criador do Teatro da Crueldade, teve como principal objetivo desenvolver “as potencialidades orgânicas” inerentes a todo ser humano. Para ele, a emoção “tem bases orgânicas” e “cultivar a emoção no corpo”, em cargas máximas, possibilitaria ao sujeito experiências profundas e transformadoras em sua vida (ARTAUD, 1993). Dessa forma, o autor não mede esforços para denunciar tudo o que separa a vida da sua potência de existir. Sua obra é permeada por denúncias e relatos contra todo e qualquer tipo de coerção – seja o “dominado contra o dominador”, os

“colonizados contra a metrópole”, o sujeito contra todo poder opressor (família, sociedade, religião) e o corpo enquanto potência x o dualismo cartesiano e metafísico/religioso (ARTAUD, 1983). Ou seja, o poeta insurge-se contra tudo que possa extrair, capturar e subjugar a vida no corpo.

O contato com a obra e o pensamento de Artaud fez despertar questões acerca da noção de corpo encarcerado e nos vimos a indagar: o que é o corpo para Artaud? No seu ponto de vista, como o corpo está encarcerado? Como ocorreu o processo de captura do corpo? Buscando respostas a estas questões, este artigo busca cartografar a noção de corpo encarcerado na obra de Antonin Artaud, para discutir os processos de captura e o permanente estado de encarceramento do corpo.

Para compreender a noção de corpo encarcerado na obra de Artaud, o método utilizado para a investigação foi a cartografia bibliográfica (HUR, 2016). Realizamos uma revisão e análise (CRESWELL, 2010) em toda obra do autor publicada em espanhol e português, não com o intuito de catalogá-la, mas sim para traçar e produzir linhas de sentido sobre seus escritos. Investigamos os textos de Artaud distribuídos em diversas edições (1993, 1988, 1985, 1972, 2006, 2014, 1991, 1987, 1986, 1981, 1981a, 1988, 2004 e 2004a), que correspondem a artigos, cartas, depoimentos, ensaios, poemas, manifestos, transcrição de palestras, peças de teatro etc. Buscamos mapear e captar as escritas artaudianas que se referem à noção de corpo encarcerado, para poder assim discutir este fenômeno.

Nesta perspectiva, a cartografia “consiste numa aposta na experimentação do pensamento – um método não para ser aplicado, mas para ser experimentado e assumido como atitude. Com isso não se abre mão do rigor, mas esse é resignificado” (PASSOS; KASTRUP; ESCÓSSIA, 2015: 10-11). Neste ponto de vista, compreendemos que cartografia

[...] faz referência à ideia de “mapa”, contrapondo à topologia quantitativa, que caracteriza o terreno de forma estática e extensa, uma outra de cunho dinâmico, que procura capturar intensidades, ou seja, disponível ao registro do acompanhamento das transformações decorrias no terreno percorrido e à implicação do sujeito percebido no mundo cartografado. (FONSECA & KIRST, 2003:92).

Sendo assim, utilizamos a cartografia como um dispositivo que nos possibilita criar um mapa “aberto” e “conectável em todas as suas dimensões” (DELEUZE & GUATTARI, 2011: 30). Para isso, procuramos dar sentido aos movimentos que produzem intensidades do mesmo modo que se desfazem “certos mundos”, como uma relação mútua entre a perda e a criação de sentidos, ou ainda, “dar língua para afetos

que pedem passagem”, abrindo um campo que nos permite “expressar afetos contemporâneos” onde já se tornaram “obsoletos” (ROLNIK, 2006: 23).

Diante disso, cartografamos as denúncias e reflexões do poeta da crueldade acerca dos processos de encarceramento do corpo. Vale ressaltar que nesta reflexão não pretendemos dialogar com os comentadores ou outros autores que trazem em suas obras discussões acerca dos trabalhos de Antonin Artaud.

Há extensa obra produzida a respeito de Artaud, nos mais diversos campos de pesquisa científica (linguística, literatura, poesia, filosofia, teatro, artes visuais, saúde mental, psicologia); contudo, buscamos aprofundar nosso olhar diretamente nos discursos de Artaud sobre o corpo e seu encarceramento, dando ênfase ao seu discurso puro e radical.

Nossa escolha baseia-se numa lacuna acadêmica nos escritos produzidos a esse respeito, ou seja, em nossa revisão da literatura não encontramos estudo que explore a problemática do encarceramento do corpo na obra de Artaud. Sendo assim, optamos exclusivamente pelas considerações de Artaud, visando sermos atravessados por suas denúncias e reflexões acerca da noção do corpo encarcerado. Neste sentido, realizamos uma escrita “a dois”, mesmo compreendendo que “cada um de nós era vários”. Em nossa cartografia fomos à busca de “tudo o que nos aproximava, o mais próximo e o mais distante” (DELEUZE & GUATTARI, 2011: 17).

A estética da crueldade de Antonin Artaud é direcionada à crítica e denúncia dos processos de aprisionamento da potência do corpo. Destacamos abaixo parte do texto-poesia² retirado da transmissão radiofônica intitulada *Para Acabar com o Julgamento de Deus*³, onde Artaud expõe claramente a ação dos processos de encarceramento, bem como sua retomada do corpo como potência ativa do homem.

*[...] Fico eu sufocado;
e não sei que ação é essa
[...] até sufocarem em mim
a idéia de um corpo
e de ser um corpo
[...] Me pressionavam
ao meu corpo
e contra meu corpo
e foi então
que eu fiz tudo explodir
porque no meu corpo
não se toca nunca [...]* (ARTAUD, 1983b: 158).

A partir deste fragmento podemos considerar que a noção de corpo encarcerado é o corpo que, ao longo da sua trajetória, sofreu diversos processos de captura, provocando o rebaixamento da sua potência - o encarceramento. Ou seja, o corpo que outrora era repleto de acontecimentos e devires, encontra-se impedido de perceber e fluir de forma ativa e potente no mundo em que vive. No texto *Acabar com as Obras Primas* (1983k), o autor faz referências a estes processos como causas primordiais da nossa miséria e impotência frente à vida. Para ele, o que está em jogo é sabermos se somos capazes de

[...] redescobrir em nós essas energias que no fim das contas geram a ordem e elevam o valor da vida – ou, então, nada nos resta senão nos entregarmos imediatamente e sem reação, reconhecendo que só servimos para a desordem, a fome, o sangue, a guerra e as epidemias (ARTAUD, 1983k: 73).

Neste sentido, discutimos a seguir os três estratos que encontramos na obra de Artaud acerca da noção de corpo encarcerado: a ideia de uma consciência/razão sobrepondo-se ao corpo, a existência da alma/espírito como condenação das potencialidades do corpo e organismo x corpo.

Consciência, cárcere do Corpo

Um primeiro eixo encontrado foi a consciência como um dos estratos propulsores do processo de encarceramento do corpo. De forma convergente a Espinosa (Deleuze, 2002), e na contramão do Iluminismo, compreende que a consciência traz uma modalidade de ilusão que aprisiona e captura as potências do corpo. Artaud afirma que o “corpo é uma multidão excitada, uma espécie de caixa de fundo falso que nunca mais acaba de revelar o que tem dentro” e considera que “dentro” é onde está “toda realidade” (ARTAUD, 1995: 78). Nesta perspectiva, o poeta traça seu plano, - um combate ativo contra o permanente estado de encarceramento do corpo, decorrente às ideias e concepções propagadas pelo dualismo cartesiano -, que compreende o homem a partir de uma razão ou consciência. Com base nisso, citamos o texto *A questão que se coloca* (1983i), onde o autor questiona

E o que é a consciência?
Não o sabemos com certeza.
É o nada.
Um nada
que usamos
para designar
quando não sabemos alguma coisa
e de que forma
não o sabemos
e então

dizemos
consciência,
do lado da consciência
quando há cem mil outros lados (p.155).

Neste aspecto, Artaud afirma a precariedade do pensamento cartesiano que sustenta o homem como um ser pensante e estritamente racional, ou, em suas palavras, “um nada que usamos para designar quando não sabemos alguma coisa”. Como decorrência duvida-se radicalmente de tudo que existe e criamos a “consciência”, desprezando, assim, os “cem mil outros lados” – ou seja, todo o jogo de forças ativas do corpo humano. Para ele

*[...] a consciência
está ligada
em nós
ao desejo sexual
e à fome.
Mas poderia
igualmente
não estar ligada
a eles.
Dizem,
é possível dizer,
há quem diga
que a consciência
é um apetite,
o apetite de viver:
e imediatamente
junto com o apetite de viver
o apetite da comida
imediatamente nos vem à mente;
como se não houvesse gente que come
sem o mínimo apetite;
e que tem fome (ARTAUD, 1983i, pp.155-156).*

Nesta citação, observamos claramente a crítica de Artaud ao referir-se à consciência como uma realidade física e fisiológica e, como tal, ligada a atividades como a alimentação e o desejo sexual. Vale destacar que, na perspectiva do dualismo cartesiano, o sujeito é um ser duplo, onde de um lado é composto por uma substância pensante (razão/consciência – representação da liberdade - sujeito livre) e do outro, uma substância extensa (corpo - sujeito às leis e fatalidades da natureza - perecível). Ou seja, na concepção de Artaud, a consciência surge como forma de apaziguar a angústia do homem frente à vida, à angústia de habitar um corpo perecível e limitado, agarrando-se à ideia de uma vida pensante - livre e ilimitada.

As denúncias do autor retratam nossa vida pensante, consciente, e que, por fatalidade, encontra-se condenada aos automatismos do dia a dia. Habitamos um corpo estranho, desconhecido, repleto de zonas obscuras, nas quais não devemos e não podemos confiar, alerta-nos nossa consciência. Quando o autor menciona “gente que come sem o mínimo de apetite, e que tem fome”, entendemos que nossos instintos, afetos e sentimentos sofreram processos de captura, um tipo de mecanização e automatização da vida - comemos e vivemos sem o menor apetite (racionalmente), sem nosso corpo (potência); por isso, continuamos famintos. Entretanto, na ótica artaudiana, o homem e seu corpo são um só, não existe nenhuma ruptura - o homem é todo corpo e nada além disso.

Na *Carta aos Reitores das Universidades Europeias* (1983a), o autor continua sua crítica à razão e à consciência, direcionando seu alvo às instituições de ensino e seus representantes:

Os Srs. Fabricam engenheiros, magistrados, médicos aos quais escapam os verdadeiros mistérios do corpo, as leis cósmicas do ser, falsos sábios, cegos para o além-terra, filósofos com a pretensão de reconstruir o Espírito. O menor ato de criação espontânea é um mundo mais complexo e revelador que qualquer metafísica (ARTAUD, 1983a: 28).

Em primeiro lugar, entendemos, mediante esta citação, que o autor discute a captura do corpo via instituições acadêmicas e, se transpusermos sua crítica para a atualidade, notaremos a pertinência na abordagem dessa problemática. Nota-se que a pretensão de “reconstruir o Espírito” seria a busca que permeia a história do homem sob a Terra desde seus primórdios, levantando questões similares a: Como surgimos? Para onde vamos? – e, neste anseio, até hoje sem respostas concretas, o corpo aguarda encarcerado. Ou seja, só vale o que se produz através da ciência. Só se alcança o conhecimento científico através da razão/consciência. O corpo está sujeito às leis da natureza, enquanto a consciência não possui extensão territorial, passa a ser compreendida como um lugar de liberdade. Em outras palavras, só vale o que se pensa e o tipo de conhecimento que se produz a partir do que se pensa - no mundo das ideias, e não no corpo.

Em segundo lugar, o autor opõe-se à ideia de uma verdade como a do conhecimento científico/instrumental, e coloca em discussão a ilusão de que conhecer é libertar. É importante observarmos a busca do autor por um conhecimento que sobrepuje a metafísica e abarque os “verdadeiros mistérios do corpo”. Contrariando o

discurso científico/instrumental, o poeta afirma a importância da “criação espontânea”, e o quão deficiente lhe parece a explicação puramente racional da realidade.

Por exemplo, podemos mencionar a atual formação acadêmica, pautada na quantidade de produção publicada em forma de artigos, disponibilizados nas mais diversas plataformas de pesquisas científicas, sendo estes livros e/ou capítulos em livros, *papers* publicados em revistas nacionais e/ou internacionais. Com base nisso, podemos dizer que a qualidade do sujeito é avaliada a partir da quantidade de produto que produz. Em resumo, o que Artaud busca quando questiona a fábrica de “magistrados, engenheiros e médicos” é romper com o encarceramento das ideias através dos saberes disciplinares. Assim, o autor busca transgredir essa lógica em todos os seus textos e compor uma escrita onde seja possível afastar-se ao máximo de todo processo civilizatório da consciência.

Na palestra pronunciada no México em 1936, intitulada *Surrealismo e Revolução*, o autor realiza um *Contra-Ataque a Pátria e a Família* (1983m), demonstrando sua indignação frente ao discurso racional do pai mediante a seguinte afirmação:

Vivi até os vinte e sete anos com o ódio obscuro do pai, do meu pai particular. Até o dia em que o vi falecer. Então o rigor desumano, com o qual eu o acusava de oprimir-me, cedeu. Outro ser saiu daquele corpo. E, pela primeira vez na vida, esse pai me estendeu a mão. E eu, que me sinto incomodado pelo meu corpo, compreendi que toda a sua vida ele fora incomodado pelo seu corpo e que há uma mentira do ser contra a qual nascemos para protestar (ARTAUD, 1983m: 90).

Nesta passagem, o autor ataca o encarceramento do corpo através da imagem do pai, o que nos leva a pensar que, quando discorre sobre a “mentira do ser”, tece críticas à lógica familiar, em que os imperativos do pai são a Lei e a encarnação da verdade, onde a família é vista como fundadora do campo social. Ou seja, nesta abordagem, acredita-se que a constituição do sujeito, bem como as dificuldades enfrentadas durante a vida, são provenientes das relações transferidas e identificadas no triângulo edípico – filho(a)/pai/mãe. Nesse sentido, Artaud percebe que a sociedade capitalista não suporta qualquer tipo de vida intensa, necessitando criar universos representativos para afastar o homem da sua potência de produzir realidades, mantendo-o encarcerado em figuras representadas pela família. Quando diz “E eu, que me sinto incomodado pelo meu corpo, compreendi que toda a sua vida ele fora incomodado pelo seu corpo”, revela nesta afirmativa o campo social repetindo-se dentro do seio familiar. Ou seja, semelhante a ele, seu pai também havia passado por processos de encarceramento, onde

a sociedade, não suportando o corpo enquanto potência produtora de infinitas realidades, encarcerou-o em figuras representativas.

Artaud viveu dolorosamente a vida, esteve trancado por nove anos em instituições psiquiátricas, onde pouco a pouco viu seu corpo ser consumido por tratamentos brutais e inenarráveis. Neste período, foi assistido por diversos psiquiatras e psicanalistas, inclusive Jacques Lacan⁴, para quem o artista era um caso perdido (ARTAUD, 1983). Em carta *Al Doctor Allendy*⁵, o autor revela-nos claramente sua abjeção à psicanálise: “Pero desde lo más hondo de mi vida persisto em huirle al psicoanálisis. Siempre huiré de él, tal como he de huir de toda tentativa de encerrar mi consciencia en perceptos o fórmulas, en una organización verbal cualquiera” (ARTAUD, 1972a: 37).

Nesse sentido, observamos grande semelhança no texto *Pesa Nervos* (1983h) quando o autor menciona “aqueles para quem certas palavras têm um sentido, e certas maneiras de ser [...] aqueles para quem os sentimentos têm classes e que discutem sobre um grau qualquer de suas hilariantes classificações”. Em sua opinião, estes “são os piores porcos” (ARTAUD, 2014: 210). Em sentido paralelo, no texto *O Teatro e seu Duplo* (2006), o autor demonstra sua revolta contra a psicologia:

A psicologia que se empenha em reduzir o desconhecido ao conhecido, ou seja, ao cotidiano e ao comum, é a causa dessa diminuição e desse desperdício assustador de energia, que me parece ter chegado ao último grau. E me parece que tanto o teatro como nós mesmos devemos acabar com a psicologia (ARTAUD, 2006: 86).

A Psicologia é criticada por ser entendida como uma disciplina de saber que apenas reduz a realidade ao conhecido, somente opera por mecanismos de identificação e reconhecimento ao mesmo, reduzindo e capturando as potências da vida. Deste modo, a arte, a criação e a estética devem acabar com a disciplina codificadora e reprodutora. Outro aspecto que podemos mencionar na revolta de Artaud contra o processo de cisão corpo/consciência encontra-se em trecho da *Carta aos Médicos-chefes dos Manicômios* (1983l), hoje conhecida mundialmente por seu pioneirismo em denunciar os maus tratos vivenciados pelos homens considerados loucos pela psiquiatria, condenados a viver encarcerados em instituições psiquiátricas.

Nos rebelamos contra o direito concedido a homens – limitados ou não – de sacramentar com o encarceramento perpétuo suas investigações no domínio do espírito. E que encarceramento! Sabe-se – não se sabe o suficiente – que os hospícios, longe de serem asilos, são pavorosos cárceres onde os detentos fornecem uma mão de obra gratuita e cômoda, onde os suplícios são a regra, e isso é tolerado pelos senhores. O hospício de alienados, sob o manto da ciência e da justiça, é comparável à caserna, à prisão e à masmorra (ARTAUD, 1983l: 30).

Sua experiência dentro destas instituições mobilizou o cenário intelectual europeu do sec. XX, influenciando o movimento da Antipsiquiatria, que questionava o autoritarismo institucional e a utilização de procedimentos debilitantes como a lobotomia e a eletro-convulsoterapia, o que tornava crônica a situação dos pacientes e separava-os do convívio social. Vale lembrar que desde o surgimento dos manicômios, no século XVIII, essas instituições passaram por severas críticas e desaprovação, mas apenas no século XX iniciaram-se os movimentos que visavam à reforma integral dos tratamentos psiquiátricos, aptos a transformar as políticas públicas de assistência aos portadores de transtornos mentais.

Para o dramaturgo, é vital nos insurgirmos contra todas as formas de capturar o corpo. Acredita ele que uma possível solução estaria na destruição da consciência; assim o corpo estaria liberto e, juntamente com ele, as forças do inconsciente. No escrito *Os Sentimentos Atrasam* (1993), acredita que ela “teme” ser expulsa, e afirma: “não é minha e quis ser eu, penetra-me dos pés à cabeça. Como expulsá-la? Queimando-lhe os nervos e os corpos, esmagando-a da cabeça aos pés” (p.24). Diz ainda que a consciência

*[...] será destruída
e tudo o que tomou das falhas
originais do meu próprio corpo;
tudo o que lhe permitiu ter
essa vida de insecto larvar
que incrimina, recrimina, discrimina
na zona de um pensamento
que nem sequer chegou a merecer* (ARTAUD, 1993: 26).

Em seu ponto de vista, tudo que ocupa o lugar do corpo, extraindo-lhe suas intensidades e reduzindo-o a estados de corpo – como, neste caso, a consciência -, precisa ser destruído. Neste sentido, nada se deve interpor entre o homem e seu corpo, pois provocaria uma redução da sua capacidade de perceber e fluir no mundo em que vive, restando-lhe “essa vida de insecto larvar” (p.26) – ou, em nossas palavras, um corpo encarcerado.

Alma, condenação do Corpo⁶

Artaud segue sua crítica tecendo inúmeros questionamentos acerca do dualismo metafísico/religioso – que, ao separar o homem do seu corpo, lança-o na ideia acrônica de alma – e este, crivado pelo julgamento de deus, é concebido como fonte inesgotável de pecado, fraqueza e corrupção moral. Ou seja, nesse tipo de pensamento, o corpo

aparece como algo que nos conduz ao erro, desprezível e mortal. Nesta perspectiva, devemos afastar-nos do nosso corpo e cultivar a alma – pura, imaculada e digna de habitar os céus.

No texto *Para Acabar com o Julgamento de Deus* (1983b), onde o autor trata *O Cocô*, ele afirma que toda cisão:

*Deve-se ao fato de o homem
ter um belo dia
detido
a idéia do mundo.
Dois caminhos estavam diante dele:
o do infinito de fora
o do ínfimo de dentro.
E ele escolheu o ínfimo de dentro [...]
É deus um ser?
Se o for, é merda.
Se não o for,
não é.
Ora, ele não existe
a não ser como vazio que avança com todas as suas formas
cuja mais perfeita imagem
é o avanço de um incalculável número de piolhos.
“O Sr está louco, Sr, Artaud? E então a missa?
Eu renego o batismo e a missa.
Não existe ato humano
No plano erótico interno
Que seja mais pernicioso que a descida
Do pretense jesus-cristo
Nos altares.
Ninguém me acredita
E posso ver o público dando de ombros
Mas esse tal cristo é aquele que
Diante do percebejo deus
Aceitou viver sem corpo (ARTAUD, 1983b: 153-154).*

Neste aspecto, Artaud questiona-se, chegando à conclusão de vazio, acerca da existência de um deus cuja forma teria proliferado assustadoramente a quantidade de piolhos. Para o autor, esse vazio seria a perda de contato com a vida no corpo ou, em outras palavras, perda de contato com a potência criadora de realidades. Nesse ponto de vista, a partir do momento que se perde a potência, perde-se a produção de si mesmo e, com isso, alia-se a idealismos transcendentais. É neste sentido que Artaud afirma a existência de deus – quando encontramos-nos impotentes (vazios) de produzir realidades nos limites do corpo, fixamo-nos em idealismos – para suprir e preencher nosso vazio. Em seu texto *As Quimeras de Nerval* (1988c), o autor elucida o que acredita ser “esse abismo de horror de onde a consciência acorda [...] um mundo de partejamentos, não a

propósito de qualquer coisa mas de nada, e principalmente de nada porque ao princípio a alma nada sabe, não é nem sabe nada” (p.65).

Ora, e o que é um piolho senão um parasita cuja vida se passa no exterior do seu hospedeiro? Podemos compreender que, na perspectiva de Artaud, o homem, ao abrir mão do seu corpo ativo e potente, aceitou viver parasitado por deus – o cuidador das nossas almas e do nosso espírito errante. Consideramos que “o avanço de um incalculável número de piolhos”, levando em consideração sua aversão ao cristianismo, seria como uma espécie de “praga”, a proliferação da religião cristã no mundo. Ou seja, uma crítica ao sujeito que barganhou sua potência com ideais transcendentais.

O corpo cindido entre o espírito/alma passou a ser compreendido pelo senso comum como morada provisória repleta de caprichos que, se escutados, retirariam do homem a eternidade, lançando-o no fogo do inferno. Ou seja, compreendemos que, neste tipo de pensamento, o que acontece no corpo é visto como falível, sujo e mau – por conduzir-nos ao erro –, ao contrário do que acontece na alma/espírito – visto como semente eterna.

Quando o autor menciona “É deus um ser? Se o for, é merda”, talvez queira demonstrar o alimento que ingerimos em forma de cultura, sociedade e religião, e que mais tarde, após o processo de digestão – captura dos órgãos –, é dispensado pelo corpo. Ou seja, após o rebaixamento da potência ativa do homem – processo de digestão/intoxicação –, perco o contato com a vida e com a potência enquanto criação de realidade. A partir dessa ideia, a entidade metafísica – deus – cumpriu o trabalho de intoxicação do corpo e o deixará através do processo de excreção – a merda. Ou podemos simplesmente imaginar que o autor referia-se à existência de deus como merda para afirmar que o corpo não necessita de deus para manter-se em funcionamento, sendo completamente dispensável.

Inspirado por Nietzsche, o autor afirma que “somente o desgraçado do Nietzsche teve talvez [...] esse olhar que despe a alma, libera o corpo da alma, desnuda o corpo do homem. Além dos subterfúgios do espírito” (ARTAUD, 2004: 56). Para o poeta

Na origem dessa situação está a religião católica cristã. Pois ela se quis espírito e não corpo, ou, como na religião intrínseca de Jesus Cristo, ela vê no princípio do corpo um vazio que se faz cheio, preenchendo aos poucos o vazio que é apenas emanção. Isso significa que na base de cada corpo vivo há um buraco abissal e um anjo que pouco a pouco preenche a partir das cavidades da eternidade e que tenta, por submersão, tomar seu lugar (ARTAUD, 1983: 121).

Seus ataques à existência de qualquer substrato subjetivo como algo essencial ao ser humano levaram-no a questionamentos intermináveis acerca de tudo que pudesse colocar o sujeito em uma situação onde este fosse visto como incapaz de julgar sua própria causa ou mesmo de cuidar de si próprio. Em sua *Carta ao Papa*⁷ (1983c), Artaud critica claramente o Cristianismo e suas práticas confessionais:

O confessorário não é você, oh Papa, somos nós; entenda-nos e que os católicos nos entendam.

Em nome da Pátria, em nome da Família, você promove a venda das almas, a livre trituração dos corpos [...]

Nós não estamos no mundo, oh Papa confinado no mundo; nem a terra nem Deus falam de você.

O mundo é o abismo da alma, deixe-nos nadar em nossos corpos, deixe nossas almas em nossas almas, não precisamos do teu facão de claridades (ARTAUD, 1983c: 28-29).

Para o autor, necessário é subverter essas ideias, tirando a primazia da alma e dando ao corpo o lugar onde se podem compreender todas as questões humanas. No texto *Os Sentimentos Atrasam* (1993), observamos questões semelhantes à anterior, onde o autor trava uma batalha contra tudo que se interpõe entre o homem e seu corpo, acredita que, seja o que for, precisa ser urgentemente arrancado. Ele questiona-se: “de onde saiu em mim o espírito? Como é que o espírito santo me gangrenou? [...] Esta coisa inapreensível a que se dá o nome de espírito. De um véu de luto que me lançou a consciência do rebanho (p.23).

No texto *Segurança Pública* (1983d), o autor considera que “nascemos padres de corpo e alma” (p.23). Ou seja, desde que nascemos somos ensinados a matar o desejo do nosso corpo, aprendemos dia após dia que ele é mau, imperfeito, sujo e perecível, enquanto a alma é vista como confiável e eterna. Neste tipo de pensamento, o investimento da nossa potência não está centrado na nossa vida na Terra; ao contrário, toda força humana é centrada no plano de salvação. O próprio deus “espreme o movimento”, ou seja, ele julgará as condutas do nosso corpo e avaliará o merecimento da nossa alma. Aqui, o destino da alma aparece diretamente ligado ao que fazemos com nosso corpo. É preciso a morte do corpo, como sacrifício santo e agradável a deus.

O autor afirma que “o homem quando não é reprimido, é um animal erótico” (ARTAUD, 1983: 160), considera que ninguém precisa “chamar nossa atenção para as cadeias que nos prendem à petrificante imbecilidade do espírito” (ARTAUD, 1983: 27). Neste sentido, sua revolta acerca das ideias e concepções propagadas pelo dualismo metafísico/religioso parece-nos justificável, diante da incompetência humana em suportar o vazio da existência, preenchendo-o com crenças em outro mundo, em seres

que regem o Universo, que abandonam seu corpo como oferta e sacrifício em prol dos homens – o cristo –, e, não suficiente, apregoam que tal abandono é um grande exemplo para toda humanidade. Ou seja, promovem a ideia de que o homem só conseguirá uma elevação espiritual ou a salvação da sua alma quando, enfim, conseguir abandonar os caprichos e vontades do seu corpo.

Sem dúvida, o cristo foi um dos maiores inimigos de Artaud, bem como a motivação para sua viagem ao México, onde buscou participar dos rituais dos índios *Tharahumaras*, compreendendo que seu “destino físico estaria irremediavelmente ligado a isso. Estava preparado para todas as queimaduras, esperava os primeiros frutos da queimadura com vistas a uma combustão logo generalizada” (ARTAUD, 1983: 109). Buscando livrar-se da cruz e do cristo, o autor relata-nos que “se ao menos fosse possível encontrar um corpo, um único corpo de homem que escapasse a minha perpétua crucificação” (ARTAUD, 1985: 34). Nos escritos sobre *O Rito Peyotl* (1985a), complementa acerca desta problemática

*Escrevi o Rito de Peyotl em estado de conversão, e com cinquenta ou duzentas hóstias recentes no corpo,
E daí num ponto e noutra o meu delírio a respeito do cristo e da cruz de Jesus Cristo.
Pois nada hoje me parece mais fúnebre e mortalmente nefasto do que o sinal estratificador e limitado da cruz,
Nada mais eroticamente pornográfico do que o cristo, ignóbil concretização sexual de todos os falsos enigmas psíquicos, de todas as recusas corporais passadas à inteligência por não terem neste mundo que fazer mais nada além de servir de matéria a quebra-cabeças e àqueles a quem manobras sujas de masturbação mágica são capazes de isentar o recrutamento elétrico de um rol de encarcerados (ARTAUD, 1985a: 28-29).*

Neste sentido, para o poeta, o homem sempre buscou compreender a origem e o fim das coisas e, neste percurso, não suportando o vazio de tais buscas, agarrou-se às ideias que o levaram a abandonar o corpo. No texto *O Teatro e a Ciência* (1993a), o autor afirma que é por meio de tais crenças que

[...] a religião, a sociedade e a ciência têm obtido da consciência humana o consentimento de abandonar o seu corpo, e lhe têm feito crer que o corpo humano é perecível e destinado ao cabo de pouco tempo a ir-se embora. Não, o corpo humano é imperecível e imortal e imutável, mutável fisicamente e materialmente, anatomicamente e manifestamente, mutável visivelmente e aqui mesmo bastando que queriam dar-se a pena material de o fazer mudar (ARTAUD, 1993a: 63).

Deparamo-nos com o texto *O Teatro de Séraphin* (1988a), onde o autor insurge com a afirmativa “a humanidade não quer ter o trabalho de viver, de tomar parte neste duelo natural entre as forças que compõe a realidade, com o objetivo de conquistar um

corpo que nenhuma tempestade pode prejudicar”. Para Artaud, somos todos cúmplices neste processo de encarceramento do corpo (p.48).

Entendemos que a alma encarcera o corpo quando o homem compactua com a ideia de que não é para este mundo que se vive. Inicia-se aqui uma luta por merecimento, onde o corpo sofrerá todas as penitências em prol da eternidade. E foi isso que Artaud denunciou em seus escritos: a captura consciente do homem para abandonar seu corpo, fazendo-o acreditar que o corpo é perecível, sujo e repleto de desejos pecaminosos.

Neste aspecto, é possível observar que o descuido com as intensidades, com as formas de uma vida intensa, vem nos tornando dia após dia cúmplices do nosso próprio aprisionamento. Encarcerados neste emaranhado de uma vida miserável, perdemos nossa capacidade de refletir e questionar a realidade na qual estamos inseridos, estabelecendo, assim, o rebaixamento de toda forma de vida ativa e potente. Compreendemos, assim, que tal redução derroca por vezes no aprisionamento do corpo, que, separado da sua potência de acontecer e fluir no mundo em que vive, tem se tornado massa de manobra e controle social.

Organismo X Corpo

Um terceiro eixo encontrado foi o organismo, compreendido por Artaud como o funcionamento das coisas – o juízo de Deus. O autor afirma que “o organismo já é isto, o juízo de Deus” (ARTAUD, 1974). Desta forma, compreendermos que quando um corpo é inserido na sociedade, lhe são atribuídas formas e funções, e tal mecanização torna-o um organismo – ou seja, o corpo abandona a potência, sendo organizado e reduzido para um estado de corpo, onde se almeja um fim determinado, a organização e produção. No texto *O Homem Árvore – Carta a Pierre Loeb* (1988b), o autor deixa claro o funcionamento do organismo quando diz

*[...] a grande mentira foi fazer do homem um organismo,
ingestão, assimilação,
incubação, excreção,
o que existia criou toda uma ordem de funções latentes e que escapam
ao domínio da vontade decisora,
a vontade que em cada instante decide de si;
sem funções ocultas, subjacentes, que o inconsciente rege (p.105).*

Nesse sentido, é possível observar que o corpo passa por um processo de estratificação de toda multiplicidade, intensidade e singularidade e, a partir daí, organiza seus órgãos conforme uma ordem e função. Nesta perspectiva, nosso organismo-

organizado torna-se nosso maior adversário, pois, à medida que se organiza para o trabalho visando um determinado fim, perdemos o devir – sofremos uma automatização da vida, onde não conseguiremos ultrapassar nossos estados de corpo e funções pré-estabelecidas. Com base nisso, podemos dizer que o próximo efeito do cárcere-organismo será o rebaixamento do nosso desejo enquanto potência de existir e fluir no mundo em que vivemos (ARTAUD, 1988). Nas palavras do autor

*Do que somos e queremos na verdade pouco resta,
um pó ínfimo sobrenada, e o resto, Pierre Loeb, o que é?
Um organismo de engolir, pesado na sua carne,
e que defeca e em cujo campo,
como um irizado distante,
um arco-íris de reconciliação com deus* (ARTAUD, 1988b: 105-106).

Neste trecho, Artaud observa como o corpo foi destituído da sua natureza intensiva pelas formas organizativas como religião, ciência e sociedade. Perdido, deixou de produzir infinitas realidades, encontrando-se fixado em entidades de outro mundo. O autor quer demonstrar com essa passagem a nossa captura cotidiana, à qual somos violentamente submetidos desde o momento em que chegamos neste mundo.

Um outro ponto observado em seus escritos é referente ao suicídio. O autor faz uma relação interessante entre a transformação do nosso corpo em organismo e o empenho da sociedade, nesta transformação, em suicidar-nos. No ano de 1947, após ver a mostra de 173 obras de Van Gogh no museu de *I'Orangerie*, Artaud publicou o texto *Van Gogh – O Suicidado pela sociedade* (2004a), onde faz a seguinte afirmação

Van Gogh não morreu por causa de uma definida condição delirante, mas por ter chegado a ser corporalmente o campo de batalha de um problema [...] introduziu-se no seu corpo essa sociedade absolvida, consagrada, santificada e possuída, apagou nele a consciência sobrenatural que acabava de adquirir, como uma inundação de corvos negros nas fibras de sua árvore interna, submergiu-o numa última onda, e, tomando seu lugar, o matou (pp.15-16).

Para ele, o corpo de Van Gogh sofreu após uma travada luta contra o organismo, seu corpo intensivo foi capturado pela “sociedade absolvida, consagrada, santificada e possuída”, derrocando no aprisionamento dos seus órgãos e sentidos. Artaud (2004) afirma que Van Gogh não abriu mão da sua vida por ter fracassado em um combate; contrário a isso, acredita que o pintor holandês teve êxito em sua descoberta e, por isso – por conseguir libertar-se das amarras e do Juízo –, a sociedade, “para puni-lo”, “o suicidou” (p.20).

O autor pontua por diversas vezes que, assim como Van Gogh, também nós, dia após dia, somos suicidados pela sociedade. Nas *Cartas de Rodez* (1983g), o autor

afirma que “o truque dos iniciados é introduzir-se no corpo das pessoas para desmentir aqueles que os acusam” e com isso, sejam “levados a prisão ou ao hospício” - e neste caso, ao suicídio. Considera que o corpo humano foi encarcerado quando “destilaram todas as nossas percepções, todas as nossas impressões, e só vivemos a conta-gotas, respirando o ar das paisagens por fora e a partir das beiradas” (pp.121-122).

No texto *Pesa Nervos* (1986h), o poeta menciona “nada de obras, nada de língua, nada de palavras, nada de espírito, nada. Nada a não ser um belo Pesa-Nervos” (p.21). Acredita que o “pesa-nervos” possa ser uma maneira de se reformar a vida, uma prática revolucionária e uma reação anárquica contra tudo o que se impõe contra o corpo, roubando sua potência e força vital.

No escrito *O Teatro e a Ciência* (1993a), Artaud considera que tal prática revolucionária funcionaria como “uma operação onde nas profundezas do grito orgânico e do sopro lançados passam todos os estados do sangue e dos humores possíveis”, precisamente um combate “dos espinhos e esquirolas do corpo visível” contra “os monstros falsos do psiquismo, da espiritualidade e da sensibilidade” (pp.66-67).

O poeta acredita que o corpo “tem um sopro e um grito pelos quais, nos bas-fonds decompostos do organismo, se pode agarrar”, ou seja, transportando-se visivelmente até aos altos planos radiosos onde o corpo superior o espera. Para ele, o corpo tornou-se “sujo e mau porque vivemos num mundo sujo e mau que não quer que o corpo humano seja mudado” (ARTAUD, 1993: 64-65).

Artaud (1983) declara guerra ao seu corpo encarcerado afirmando a inutilidade dos seus órgãos. Acredita que “quando tudo nos leva a dormir, olhando com olhos atentos e conscientes, é difícil acordar e olhar como num sonho, com olhos que não sabem mais para que servem e cujo olhar está voltado para dentro” (ARTAUD, 2006: 6). Sua voz persiste em ecoar o tormento de um homem fadado a viver sem um corpo. Sua dor e desespero rompem os muros da sociedade moderna, percorrem tempo e espaço, chegando à contemporaneidade. Conhecedor dos possíveis perigos de desencarceramento, Artaud (1983) acredita que “nas circunstâncias atuais valha a pena corrê-lo”, incita-nos a propor “qualquer coisa para sair do marasmo, em vez de continuar reclamando desse marasmo e do tédio, da inércia e da estupidez de tudo” (p.75). Seu maior desejo talvez tenha sido encontrar “um só corpo humano” que tivesse escapado à sua “crucificação perpétua” (ARTAUD, 1983: 101).

No escrito *O Teatro e a Ciência* (1993a), o dramaturgo afirma que a revolução que tanto se espera por aí “não será verdadeira enquanto não for fisicamente e

materialmente completa, enquanto não se voltar para o homem, para o próprio corpo do homem e não se decidir em fim a pedir-lhe que mude” (p.64). Assim, podemos dizer que Artaud não acredita em outro tipo de revolução que não ocorresse de fato em nosso corpo - nas relações de força que o corpo do homem estabelece com o mundo.

Nesta perspectiva, o autor acredita que só através do corpo conseguiríamos recuperar o grito de revolta contra o mal que nos acontece. E, por meio da crueldade, somos plenamente capazes de “redescobrir em nós essas energias” (ARTAUD, 1983), de estarmos frente a frente com nossas capacidades e possibilidades – num sentido mais amplo, que potencialize nossa existência.

Considerações finais

Neste texto, buscamos cartografar a noção de corpo encarcerado na obra de Antonin Artaud, para discutir os processos de captura e o permanente estado de encarceramento do corpo. Para isso, realizamos uma cartografia bibliográfica, onde foi possível constatar três estratos de encarceramento: um primeiro que abarca a ideia de uma consciência/razão sobrepondo-se ao corpo, um segundo que menciona a existência de uma alma/espírito que condena as potencialidades do corpo, e um terceiro que trata da luta corpo x organismo.

Artaud compreende que o corpo humano encontra-se encarcerado pela consciência e seus automatismos. Considera que quando as potencialidades do corpo são reduzidas a meros estados de corpo – como a supremacia da consciência sobre o corpo –, o sujeito sofre um processo de captura. Para o dramaturgo, nada deve separar ou colocar-se entre o homem e seu corpo, acreditando que esta ruptura privaria o sujeito de acontecer nos limites do corpo, enquanto eterna criação de realidade.

Considera deus como outro propulsor desse estado de encarceramento, onde a crença na existência de qualquer substrato imaterial, como alma/espírito, captura o homem, provocando o encarceramento do corpo. Ou seja, o corpo é destituído da sua força enquanto potência de existir mediante a ideia de uma vida para além do corpo – além da própria vida.

Combate o organismo – investimento social – e revela sua luta por um corpo enquanto potência ativa do homem, opondo-se aos reducionismos e instrumentalização da vida. Investe sua força em uma prática revolucionária, onde objetiva o desencarceramento do corpo e a construção de um novo corpo – um corpo sem órgãos⁸.

Artaud discute o corpo humano enquanto um corpo de potência, encarcerado por dualismos. Ou seja, para o autor, sempre que retiramos do corpo sua potência de produzir a si mesmo – seja mediante a crença em outro mundo ou na ideia de uma consciência –, isso indica que tudo vai mal em nossa vida. Para o poeta, à medida que idealizamos, perdemos a potência de produzir realidades, perdemos o acontecimento e, com isso, perdemos nosso corpo intensivo.

Com base nisso, este estudo conduziu-nos a observar com maior profundidade o constante discurso do autor acerca das temáticas do dualismo cartesiano e metafísico/religioso, que aparecem de forma incansável em seus escritos, sempre como fortes propulsores do processo de ruptura entre o homem e seu corpo.

Contudo, frente ao paradoxo instalado, onde de um lado percebemo-nos como a plateia passiva de um espetáculo catastrófico e ágil dos processos de encarceramento do corpo e, de outro, a cumplicidade que nos persegue após o espetáculo, e já no caminho de volta para casa, provoca-nos suspiros e soluços enquanto discorre sobre a esperança de revolução.

Lamentamo-nos continuamente em meio ao caótico cenário criado por nós, onde a dança arrebatadora das atrizes alma e consciência subjagam nosso corpo e aniquilam nossa potência de existir. Estarrecidos frente ao promissor espetáculo, aplaudimos de pé a morte dos devires, das intensidades, da multiplicidade e do nosso pecaminoso desejo – ser corpo.

Referências

- ARTAUD, Antonin. *História vivida de Artaud – Momo*. Portugal: Hiena, 1995.
- _____. *A arte e a morte* (Aníbal Fernandes, Trad.). Lisboa: Livreiros Editores e Distribuidores LTDA, 1987.
- _____. *Heliogabalo ou O Anarquista Coroado* (Mário Cesariny, Trad.). Lisboa: Assírio & Alvim, 1991.
- _____. *Em plena noite ou o Bluff Surrealista* (Paulo da Costa Domingos, Trad.). Lisboa: Publicações Culturais Engrenagem LDA, 1988.
- _____. *Cartas desde Rodez*. 2ºed. (Ramón Font, Trad.). Madrid: Editorial Fundamentos, 1981.
- _____. *Mensajes Revolucionarios*. 3ºed (Cristina Vizcaino, Trad.). Madrid: Editorial Fundamentos, 1981a.
- _____. *Linguagem e Vida* (J. Guinsburg, Sílvia Fernandes, Regina Correa Rocha e Maria Lúcia Pereira, Trad.). São Paulo: Perspectiva, 2014.

- _____. *Os sentimentos atrasam* (Ernesto Sampaio, Trad.). Lisboa: Hiena Editora, 1993.
- _____. O Teatro e a Ciência. Em: *Os sentimentos atrasam* (Ernesto Sampaio, Trad.). Lisboa: Hiena Editora, 1993a.
- _____. *Os Tarahumaras* (Aníbal Fernandes, Trad.). Lisboa: Relógio d'Água Editores Lda, 1985.
- _____. A Dança do Peyotl. Em: *Os Tarahumaras* (Aníbal Fernandes, Trad.). Lisboa: Relógio d'Água Editores Lda, 1985a.
- _____. *Eu, Antonin Artaud* (Aníbal Fernandes, Trad.). Lisboa: Hiena Editora, 1988.
- _____. O Teatro de Séraphin. Em: *Eu, Antonin Artaud* (Aníbal Fernandes, Trad.). Lisboa: Hiena Editora, 1988a.
- _____. O Homem Árvore. Em: *Eu, Antonin Artaud* (Aníbal Fernandes, Trad.). Lisboa: Hiena Editora, 1988b.
- _____. As Quimeras de Nerval. Em: *Eu, Antonin Artaud* (Aníbal Fernandes, Trad.). Lisboa: Hiena Editora, 1988c.
- _____. Escritos de Antonin Artaud (Cláudio Willer, Trad.). Porto Alegre: L&PM Editores Ltda, 1983.
- _____. Carta aos Reitores das Universidades Européias. Em: *Escritos de Antonin Artaud* (Cláudio Willer, Trad.). Porto Alegre: L&PM Editores Ltda, 1983a.
- _____. Para acabar com o julgamento de Deus. Em: *Escritos de Antonin Artaud* (Cláudio Willer, Trad.). Porto Alegre: L&PM Editores Ltda, 1983b.
- _____. Carta ao Papa. Em: *Escritos de Antonin Artaud* (Cláudio Willer, Trad.). Porto Alegre: L&PM Editores Ltda, 1983c.
- _____. Segurança Pública. Em: *Escritos de Antonin Artaud* (Cláudio Willer, Trad.). Porto Alegre: L&PM Editores Ltda, 1983d.
- _____. A Mesa. Em: *Escritos de Antonin Artaud* (Cláudio Willer, Trad.). Porto Alegre: L&PM Editores Ltda, 1983e.
- _____. O Teatro e a Ciência. Em: *Escritos de Antonin Artaud* (Cláudio Willer, Trad.). Porto Alegre: L&PM Editores Ltda, 1983f.
- _____. *Textos 1923~1946*. (Hugo Acevedo, Trad.). Buenos Aires – Argentina: Ediciones Caldén, 1972p.
- _____. Al Doctor Allendy. Em: *Textos 1923~1946* (Hugo Acevedo, Trad.). Buenos Aires – Argentina: Ediciones Caldén, 1972a.
- _____. Cartas de Rodez. Em: *Escritos de Antonin Artaud* (Cláudio Willer, Trad.). Porto Alegre: L&PM Editores Ltda, 1983g.
- _____. Pesa Nervos. Em: *Escritos de Antonin Artaud* (Cláudio Willer, Trad.). Porto Alegre: L&PM Editores Ltda, 1983h.
- _____. A questão que se coloca. Em: *Escritos de Antonin Artaud* (Cláudio Willer, Trad.). Porto Alegre: L&PM Editores Ltda, 1983i.

- _____. Os Sentimentos Atrasam. Em: *Escritos de Antonin Artaud* (Cláudio Willer, Trad.). Porto Alegre: L&PM Editores Ltda, 1983j.
- _____. Acabar com as Obras Primas. Em: *Escritos de Antonin Artaud* (Cláudio Willer, Trad.). Porto Alegre: L&PM Editores Ltda, 1983k.
- _____. Carta aos Médicos-chefes dos Manicômios. Em: *Escritos de Antonin Artaud* (Cláudio Willer, Trad.). Porto Alegre: L&PM Editores Ltda, 1983l.
- _____. Contra-Ataque a Pátria e a Família. Em: *Escritos de Antonin Artaud* (Cláudio Willer, Trad.). Porto Alegre: L&PM Editores Ltda, 1983m.
- _____. *O teatro e seu duplo* (Teixeira Coelho, Trad.). São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- _____. *Van Gogh o suicidado da sociedade*. 2 ed. Rio de Janeiro: Achiamé, 2004a.
- _____. *Os Escritos de Antonin Artaud* (Trad. Claudio Willer). Rio Grande do Sul: L&PM, 1986.
- _____. Van Gogh: Le Suicide de la société. Em: *Oeuvres Completes*, tomo XIII. Paris: Éditions Galimard, 1974z.
- _____. *Van Gogh: O suicidado da sociedade* (Trad. Aníbal Fernandes). Lisboa: Assírio & Alvim, 2004.
- CRESWELL; John. *Projeto de Pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto* (Trad. Magda França Lopes). 3 ed. Porto Alegre: Artmed, 2010.
- DELEUZE; Gilles. *Espinosa: Filosofia Prática*. São Paulo: Escuta, 2002.
- DELEUZE; Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia*, vol. 1. São Paulo: Ed. 34, 2011.
- PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana. *Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2015.
- FONSECA, T. M. G. & KIRST, P.G. *Cartografia e devires: a construção do presente*. Porto Alegre: UFRGS, 2003.
- HUR, Domenico. Poder e potência em Deleuze: forças e resistência. *Mnemosine*. vol.12, nº1. Recuperado em 19 de março de 2017, de <http://mnemosine.com.br/ojs/index.php/mnemosine/article/view/490>.
- MAIRESSE, D. *Cartografia: do método à arte de fazer pesquisa*. Porto Alegre: UFRGS, 2003.
- ROLNIK, Suely. *Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo*. Porto Alegre: Sulina/UFRGS, 2007.

Flávia de Bastos Ascenço Soares

Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Goiás.
Licenciada em Artes Cênicas pela Escola de Música e Artes Cênicas - EMAC da Universidade Federal de Goiás.

Atriz, pesquisadora e produtora do LABORATORI - Núcleo Multidisciplinar de Pesquisa nas Artes da Cena.

E-mail: flaviabasoares@gmail.com

Domenico Uhng Hur
Professor Adjunto de graduação e pós-graduação em Psicologia da Universidade
Federal de Goiás.
Psicólogo, mestre e doutor em Psicologia Social pela USP, com estágio doutoral na
Universitat Autònoma de Barcelona.
Membro do CRISE - núcleo de estudos e pesquisas Crítica, Insurgência, Subjetividade e
Emancipação.
Secretário de Edições Científicas e Publicações da Associação Ibero-Latinoamericana
de Psicologia Política, AILPP.
E-mail: DomenicoHur@hotmail.com.

¹ Utilizamos o termo “corpo encarcerado” por influência das reflexões do filósofo Luiz Fuganti sobre o corpo e seus processos de encarceramento. Fuganti as desenvolve nos cursos, palestras e seminários realizados pela Escola Nômade de Filosofia.

² Consideramos, assim como Artaud (1983), o lado anárquico da poesia, que “na medida em que coloca em questão todas as relações de objeto a objeto e de formas com seus significados [...] é anárquica na medida em que sua aparição é consequência de uma desordem que nos aproxima do caos” (p.68).

³ A transmissão foi censurada em fevereiro de 1948, quando alguns intelectuais solicitaram a liberação para a transmissão em circuito fechado. Foram realizadas duas transmissões que provocaram grande repercussão e polêmica na imprensa (Artaud, 1983).

⁴ Intérprete de Freud e criador de certa abordagem psicanalítica, o lacanismo.

⁵ Amigo de Antonin Artaud, psiquiatra, psicanalista, precursor da Sociedade Francesa de Psicanálise. (ARTAUD, 1988).

⁶ O autor utiliza-se de sarcasmo para demonstrar sua profunda abjeção acerca existencia de um deus soberano, moralmente irrepreensível e criador do Universo. Com base nisso, observamos que a grande maioria dos seus escritos, a palavra “deus” inicia-se com “d” minúsculo, de igual modo, o nome de “jesus cristo” – com as iniciais “j” e “c” minúsculas. Sendo assim, escolhemos manter o desconforto do autor em nossas reflexões, onde faremos uso das iniciais “d” de deus e “j” e “c” de jesus cristo, como Artaud, iniciando-as sempre com letras minúsculas.

⁷ Escrito em um momento anterior ao texto *Para Acabar com o Julgamento de Deus*. No texto *Carta ao Papa*, Artaud ataca com veemência o Cristianismo e suas práticas confessionais (ARTAUD, 1983).

⁸ A proposição artaudiana do Corpo sem Órgãos está sendo desenvolvida em outra pesquisa.